

Cyberbullying na Comunidade Escolar

¹ Daniela de Souza Galhardo,¹ Maria Vitória Oliveira da Silva,¹ Kethly Julia Pereira Leite,² Keilla Araujo Bento,² Carlos Cesar Gonzalez de Luna

Escola Estadual Teotônio Vilela – Campo Grande – MS

galhardo162@gmail.com, patriciaarruda.oliveira@gmail.com, k.milapereira@hotmail.com, keillaab@hotmail.com,
karloscgonzales@yahoo.com.br

Resumo

A escola pública brasileira recebe um público heterogêneo, onde os estudantes têm o desafio de lidar com todas as diferenças presentes no âmbito escolar. No entanto não é uma tarefa fácil, por isso o anseio de diminuir os atos e comportamentos que causam constrangimentos, calúnia e desrespeito ocorridos através da internet, torna-se necessário sensibilizar a comunidade escolar, com o intuito de minimizar a população afetada e alertar os usuários das redes sociais sobre os danos às vítimas de tais atitudes. Diante da situação procurou-se analisar usos de celulares e o acesso a internet para prática do Cyberbullying. A pesquisa foi dividida em 3 etapas, sendo 14 para estudantes, 5 a responsáveis e 4 para professores. Constatamos que 90% dos estudantes acessa internet do celular e utiliza várias redes sociais. E 29% dos responsáveis relataram que seus filhos se conectam somente em casa e apenas 55% monitoram o acesso da internet.

Palavras-chave: Redes Sociais, Bullying Virtual, Dispositivos Móveis.

Introdução

O Brasil teve diversos colonizadores, tornando-se um país com inúmeras miscigenações e a escola recebe todas essas aglomerações, onde os estudantes têm o desafio de lidar com as intolerâncias, as hostilidades e todas as diferenças, presentes no âmbito escolar, além disso, alguns possuem problemas familiares e financeiros.

Da mesma forma que os educadores são desafiados a oferecer uma educação de qualidade e preparar esses estudantes para o exercício da cidadania conforme exige o Art. 2º./Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, no entanto não é uma tarefa fácil. Na maioria das vezes, o educador passa mais tempo organizando os estudantes, sendo que os conflitos ocorrentes são: bullying, cyberbullying, uso celular durante as aulas e desmotivação.

O bullying é uma ação conhecida e debatida entre eles, contudo existe outra maneira de praticar o mesmo de forma que a identidade do agressor fique no anonimato, que é denominado cyberbullying, em que o agressor realiza agressões verbais em redes sociais, insulta ou ameaça através de mensagens por dispositivos móveis. Segundo a definição de Li(2006), o cyberbullying é uma tipologia de bullying por meio de ferramentas de comunicação virtual. E também tem algumas características semelhantes, tais como a conduta repetitiva ao longo do tempo, intencional, hostil e com o objetivo de gerar danos às vítimas. (Buelga, Musiti&Maugui,2009).

Eventualmente é na escola que desencadeia a maioria dessas problemáticas, devido ao acúmulo de jovens. Avilés (2009) o define como uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas “através das novas tecnologias de informação, em espaço virtual”. (p 79) (AVILÉS apud TOGNETTA, L. R.; BOZZA, T. L., 2010).

De acordo Buckingham (2011), este assunto já faz parte de nossa sociedade globalizada e cabe à escola orientar os

estudantes a utilizar essas mídias de maneira consciente e não apenas ficar denunciando os “perigos” do uso da internet, da televisão, entre outros, fazendo com que avaliem suas escolhas de forma crítica, o que pode contribuir e acrescentar nos seus conhecimentos.

O fácil acesso a internet e redes sociais como facebook, twitter, instagram e whatsapp, salas de bate papo permitem que o cyberbullying ganhe espaço no âmbito online. Os internautas que sofrem o cyberbullying são discriminados por sua etnia, classe social, religião, gênero e aspecto físico. Esses conflitos gerados no mundo virtual chegam ao âmbito escolar, com isso dificultando o trabalho do discente.

Com o anseio de diminuir os atos e comportamentos que causam constrangimentos, calúnia e desrespeito ocorridos através da internet, torna-se necessário sensibilizar a comunidade escolar, com o intuito de minimizar a população afetada e alertar os usuários das redes sociais sobre os danos às vítimas de tais atitudes.

Metodologia

Em princípio teve como foco estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Teotônio Vilela, localizada na zona sul, periférica do município de Campo Grande – MS. O questionário foi respondido por estudantes, pais e professores. As respostas coletadas permitiram levantar hipóteses sobre como as redes sociais e outras mídias permitem a circulação do cyberbullying, além da observação das experiências com esse tema.

O desenvolvimento da pesquisa foi na modalidade estudo de caso que, segundo Molina (1999) pode representar um mundo em que outros se veem representados. Apresentou uma conexão com a realidade permitindo a interação entre teoria e prática. Por sua vez, Yin (2001) afirma também que o estudo de caso é um modo de pesquisa empírica que investiga fenômeno contemporâneo em seu ambiente real, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos; quando há mais variáveis de interesse do que pontos de dados; quando se baseia em várias fontes de evidência; e quando há proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise dos dados.

Contudo foi aplicado três segmentos de questionários, totalizando 23 questões, sendo 14 para estudantes, 5 realizados entre os pais e responsáveis e 4 para os professores totalizando 443 entrevistados (263 para estudantes, 100 para responsáveis e 80 entre os professores), onde todos os questionários são de múltiplas escolhas que possibilitarão mais de uma opção e aplicado coletivamente em sala de aula, tanto para os estudantes e professores, e quanto aos os pais e/ou responsáveis foi realizado uma pesquisa de campo ao redor da unidade escolar.

Ao final da coleta das informações, foi realizada análise e interpretação dos dados coletados durante a pesquisa e apresentados esses resultados na forma de tabelas e gráficos, consequentemente gerando um relatório.

Resultados e Discussão

Através dos dados obtidos foram verificadas as opções de locais de acesso a internet e 90% dos estudantes possuem internet em casa, 53% pelos dados móveis do celular, outros 33% na casa de colegas e 12% em Lan house. Em relação por onde acessam 90% pelo celular, tablet 5,5% e computadores, 47%. No entanto, 50,5% deles ficam conectados o dia todo, 24,5% acessa a internet somente nos intervalos permitidos, 31,5% acessam somente em casa, lembrando que cada estudante marcou mais de uma resposta.

Mediante as respostas dos alunos, verificou-se que possuem mais de uma rede social, no qual 90% Facebook, 63% Instagram, 74% whatsapp, 44,5% Facebook Messenger, 14% Snapchat, 22,5% Twitter e, 83%, o youtube.

Com dados obtidos na pesquisa, 59% identificou a ação do cyberbullying, no entanto apenas 24% já sofreram e observou-se que 31,5% já praticaram. Entre os estudantes que sofreram, 13,5% sentiu-se humilhado, 10% constrangido, 11,5% com raiva, 10,5% triste, 23% não sentiu nada. Já os que praticaram o Cyberbullying, 6,9% sentiram-se satisfeito, 10% arrependido, 16% poderoso. Compreendemos que 46,% contariam aos pais e/ou responsáveis, 16% para os amigos e 26,5% denunciaria na delegacia.

Compreendeu-se que entre os pais e responsáveis 55% dos pais monitoram o uso da internet de seus filhos, visto que 77% pais não identificaram ação do cyberbullying.

Com os dados obtidos na pesquisa, compreendeu-se que dos vários recursos midiáticos, 80% dos estudantes ficam jogando, ouvido música e nas redes sociais, conseqüentemente, 40% deles estão no nível básico ou insuficiente de aprendizagem.

Considerações Finais

Ao analisar os resultados e o que mais chama atenção é que todos têm acesso à internet, independentemente do lugar, todos conseguem acessá-la. Ainda mais que a maioria dos estudantes tem internet em casa, sem dúvida é um ponto positivo no sentido em que a tecnologia está ao alcance de todos, mas infelizmente se usada sem orientação, traz alguns “perigos”, sendo o Cyberbullying um deles. É necessário que os responsáveis os informem para que haja um uso adequado da

internet e alerte-os para os perigos e a escola auxilie nesta sensibilização.

Por outro lado, o uso de todas essas redes sociais é um mero “modismo”, pois há influenciadores digitais atraindo seguidores, no entanto, todos esses aplicativos têm uma conversação rápida, dando assim abertura para prática do Cyberbullying. Quanto à idade para usar as redes sociais os estudantes acreditam que não há idade adequada, descartando assim os riscos presentes na internet e a falta de maturidade para lidar com exposição que a rede social oferece.

Um fato curioso é que eles sabem identificar as ações do Cyberbullying, visto que, poucos sofreram, mas não diminuem nossa preocupação e nem ameniza o sofrimento das vítimas, mas infelizmente, há aqueles que praticam e agem diante dessas atitudes discriminatórias e ofensivas, como se fossem simplesmente uma brincadeira, demonstrando insensibilidade ao dano causado pelo o Cyberbullying.

Observa-se que os responsáveis monitoram o uso da internet e da rede social dos seus filhos, mas não percebem a prática do Cyberbullying.

Portanto, junto ao avanço e versatilidade da tecnologia, a Educação vem se adaptando e renovando as metodologias para oferecer uma educação de qualidade, porém, os estudantes já nasceram na era digital e usam várias mídias, com isso, as aulas se tornam desinteressantes e o seu desempenho está compreendido num nível básico ou insuficiente de aprendizagem.

Referências

LI, Q. (2006). CYBERBULLYING IN SCHOOLS: A RESEARCH OF GENDER DIFFERENCES. *School Psychology International*, 27(2),157-170. doi:10.1177/0143034306064547

TOGNETTA, L. R.; BOZZA, T. L. **Cyberbullying: quando a violência é virtual – Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes.** In: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. Anais do I Seminário Violar: **Problematizando juventudes na contemporaneidade.** Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010.

YIN, Robert K. Estudos de caso: **planejamento e métodos.** 2. Ed. Porto Alegre: Bookma, 2001.